

INCLUSÃO ESCOLAR

Aline Simionato de **CAMPOS**¹
Janaína de Fátima Martins Sitta de **OLIVEIRA**²
Luciana Elizabete **SCOPINHO**³
Maria Goreti **MIÃO**⁴
Renata Aparecida da Costa **CHIRULA**⁵

RESUMO

Neste trabalho objetivamos compreender um pouco mais sobre a Educação Inclusiva, que vem se tornando um grande desafio para a educação e a sociedade em que vivemos. Observando-a como um todo, percebemos que ela não engloba somente a pessoa com deficiência, mas envolve também a sua família e a escola. Focamos neste artigo a inclusão de alunos com necessidades especiais dentro da sala regular. Analisando as circunstâncias interativas que esses alunos estabelecem com seus professores e colegas que não apresentam tais deficiências. Contudo, pretende-se avaliar como se aplica a inclusão desses alunos na sala de aula comum. Acredita-se que essa situação traz embates em relação às possibilidades de socialização, comunicação e construção de conhecimento desses alunos, pois tanto a escola quanto os pedagogos estão despreparados para atender o aluno incluso. Assim, mesmo havendo uma inclusão, ocorre conseqüentemente uma exclusão, pois a sociedade propõe uma educação para todos, mas na prática não é sempre uma proposta realizada com sucesso por não se encaixar nos padrões considerados normais da unidade escolar.

PALAVRAS-CHAVE: inclusão, acessibilidade, sistema de ensino.

ABSTRACT

In this work we aimed to understand a little more about the Inclusive Education, that comes if turning a great challenge for the education and the society in that we lived. Observing her as a whole, we noticed that she does not include only the person with deficiency, but it also involves her / his family and the school. We focused on this article the students' inclusion with special needs inside the regular room. Analyzing the interactive circumstances that those students establish with their teachers and friends that do not present such deficiencies. However, it intends to evaluate those students' inclusion is applied to the common classroom. It is believed that that situation brings collisions in relation to

¹ Professora de Arte na empresa Prefeitura de Araras. E-mail: aline.campos@professor.educacaoararas.sp.gov.br

² Professora de Educação Básica na empresa Prefeitura de Araras. E-mail: janaina.oliveira@professor.educacaoararas.sp.gov.br

³ Professora de Educação Básica na empresa Prefeitura de Araras. E-mail: luciana.scopinho@professor.educacaoararas.sp.gov.br

⁴ Diretora Escolar na empresa Prefeitura de Araras. E-mail: goreti.miao@professor.educacaoararas.sp.gov.br

⁵ Professora de Educação Básica na empresa Prefeitura de Araras. E-mail: renata.chirula@professor.educacaoararas.sp.gov.br

the socialization possibilities, communication and construction of those students' knowledge, because as much the school as how much the pedagogues are unprepared to attend even the student.

Thus, even though there is an inclusion, there is consequently an exclusion, since society proposes an education for all, but in practice it is not always a successful proposal for not meeting the standards considered normal of the school unit.

KEYWORDS: inclusion, disabilities, accessibility, education system.

INTRODUÇÃO

O assunto inclusão escolar em questão não é recente, mas é um fato que aos poucos está tomando um grande espaço, por isso, devemos repensar como está designada à educação, atualizando nossos conceitos, concepções, e compreendendo o processo de construção de todo o indivíduo em sua complexidade e amplitude.

Dessa forma, a educação inclusiva se fundamenta no reconhecimento e valorização a diversidade, como característica inerente à constituição de qualquer sociedade. Sendo assim, a inclusão visa os direitos humanos, garantindo o acesso das pessoas com necessidades especiais e a participação de todos, a todas as oportunidades, independentemente das peculiaridades de cada indivíduo.

No entanto, para que a inclusão escolar aconteça, faz-se necessário uma mudança nos padrões dos sistemas de ensino, atribuindo ênfase ao aprendiz como um todo, levando em conta suas habilidades, capacidades e potencialidades e não realçar somente as disciplinas e resultados quantitativos, que favorece apenas uma parcela dos alunos, pois a inclusão social é um dos maiores desafios que os profissionais da educação se deparam pelo fato de não haver soluções prontas para reconhecer e valorizar diferenças sem discriminar e segregar alunos, especialmente aqueles com deficiência.

CONTEXTO HISTÓRICO

Em outras épocas, na antiga Grécia, cidade de Atenas e Esparta, predominava o culto ao corpo, a resistência e força do ser humano, pois eram cidades voltadas ao regime militar, visando formar soldados. Pessoas que nasciam com alguma diferença, eram considerados não saudáveis, tidos como “defeituosos”, eram jogados de penhascos e mortos. Observando alguns fatores históricos da inclusão segundo MINETTO (2010) A primeira fase é da exclusão. Nesse período a maioria das pessoas que possuíam algum tipo de deficiência era considerada uma pessoa anormal, era de qualquer forma indigna de educação escolar. Pessoas com deficiências eram totalmente excluídas da

sociedade, tratados de forma desumana vivendo em ambientes precários, em orfanatos, manicômios, dentre outros lugares abandonados, dessa forma, eram arrancados todos os direitos que essas pessoas tinham para uma vida digna, de viver em liberdade de condições de acordo com as necessidades de cada um. (MINNETO, 2010).

Com o passar do tempo, instituições especializadas para pessoas com necessidades especiais foram aparecendo. Com esse novo olhar surge também uma pedagogia diferente, uma educação para a capacidade intelectual. Porém não teve tanto sucesso no que se diz respeito a uma inclusão de verdade. Os alunos com deficiência ficavam em salas de aula separadas dos alunos regulares, consistindo em um sistema educacional segregacionista. Ou seja, não estavam totalmente incluídos.

Após tantos avanços, finalmente foi consagrado o movimento de inclusão em Salamanca, em junho de 1994, após a “Conferência Mundial sobre Necessidades Educativas Especiais”. A Declaração de Salamanca é considerada um dos principais documentos mundiais que visam a inclusão social, pois nela constitui princípios, políticas e práticas na área das necessidades educativas especiais.

Toda via, o aluno tem a permissão de se encaixar em um contexto de aprendizagem mais significativo para suas vidas. Não sendo excluído ou apenas inserido na sala de aula sem qualquer tipo de suporte e apoio, portanto, não basta matricular alunos com necessidades especiais nas escolas e em sala regular, sem um atendimento adequado às suas necessidades especiais. Desse modo, podemos afirmar que essa é a transformação do sistema escolar, pensar num aluno com necessidades especiais é pensar em como pode trabalhar com esse aluno em sala de aula, aceitando suas diferenças e sanando as suas dificuldades, acolhendo e abraçando realmente a causa.

INCLUSÃO: AVANÇOS E OS DESAFIOS

Para que ocorra uma inclusão, também faz se necessário que os educadores realizem uma especialização, abrangendo conhecimentos e habilidades. MINETTO (2008) afirma que a inclusão envolve propósitos muito abrangentes, numa longa jornada que deve oportunizar “também aos professores o direito de construir e ampliar suas habilidades enquanto sujeito e profissionais”. Embora, para realizar uma formação com êxito do pedagogo numa concepção inclusiva, a faculdade se depara com dificuldades de romper com paradigmas tradicionais e aderir vastos recursos que estejam de acordo com os novos conceitos de inclusão, amplamente discutidos e claramente colocados em leis.

Segundo Glat e Nogueira (2002) faz se necessário:

[...] garantir educação para todos, independentemente de suas especificidades, impõe-se:
[...] qualificação crescente do processo pedagógico com ações políticas de largo alcance,

particularmente no tocante à qualificação de docentes e oferta de uma formação que possibilite aos professores regulares analisar, acompanhar e contribuir para o aprimoramento dos processos regulares de escolarização, no sentido de que possam dar conta das mais diversas diferenças existentes entre seus alunos (GLAT, NOGUEIRA, 2002, p.26).

No entanto, para Mantoan (2006) “Não há como mudar práticas de professores sem que os mesmos tenham consciência de suas razões e benefícios”, tanto para os alunos e os sistemas de ensino quanto para seu desenvolvimento profissional.

De acordo com os dois autores Staimback e Staimback (1999), o educador pode desempenhar um importante papel na percepção dos alunos de que esses têm potencialidades e limitações diferentes. Sugerem propostas de atividades em que os alunos sejam estimulados sobre suas habilidades e identificadas suas limitações. Ampliando nossa visão, os alunos e o professor podem ver que todos têm aptidões e habilidades e que todos precisam de ajuda em algumas áreas. Superficialmente parecem e agem de maneira muito diferente; ter orgulho em ajudar alguém a conseguir ganhos importantes, aparentemente impossíveis; ter oportunidade de cuidar de outras pessoas; agir consistentemente baseados em valores importantes, como a promoção da igualdade, a superação da segregação ou a defesa de alguém que é tratado injustamente; desenvolver habilidades cooperativas na resolução dos problemas, na comunicação, na instrução e na prestação de ajuda pessoal; aprender diretamente sobre coisas difíceis, incluindo a superação do medo das diferenças; resolver problemas de relacionamento ocorridos em aula; lidar com comportamento difícil, violento ou auto destruidor; lidar com os efeitos de questões familiares no coleguismo; enfrentar e apoiar um no outro durante enfermidades graves ou morte de alguém de sua própria idade.

Compreendendo e respeitando as diferenças e valorizando a convivência, aceitação e cooperação. Por exemplo, Renata pode ser ótima em leitura, mas pode precisar de ajuda nas brincadeiras de Educação Física. André pode ter dificuldade em matemática, mas é ótima para lembrar-se de coisas e organizar pessoas e atividades. As salas de aula podem tornar-se comunidades de apoio mútuo se os professores promoverem o respeito pelas diferenças e proporcionarem oportunidades diversificadas para os alunos enxergarem uns aos outros de muitas maneiras.

Na concepção de Ferreira (2006, p. 3-4) compreende-se que:

A construção de escolas de qualidade e inclusivas para todos deve, dessa forma, necessariamente envolver o desenvolvimento de políticas escolares de desenvolvimento profissional docente com vistas a prepará-los pedagogicamente para trabalhar com a pluralidade sócio cognitiva e experiencial dos estudantes por meio de enriquecer [sic] conteúdos curriculares que promovam a igualdade, a convivência pacífica, a aprendizagem

mútua, a tolerância e a justiça social (FERREIRA, 2006, p. 3-4).

O processo de mudança da pedagogia tradicional (leitura, cópia, exercícios no caderno ou livro, etc.) para uma pedagogia inclusiva, pouco a pouco transforma o docente em pesquisador de sua prática pedagógica, pois a nova dinâmica de ensino faz com que adquira habilidades para refletir sobre sua docência e aperfeiçoá-la continuamente. O docente aprende a reconhecer o valor e a importância do trabalho.

Sendo assim, há incentivo e um maior proveito desses estudantes com deficiência, realizando a permanência dos mesmos no sistema de ensino. Através da interação e socialização com os alunos com necessidades especiais os demais também recebem o benefício de aprender mais coisas do que o currículo formal pode ensinar.

Entre os benefícios que os alunos das escolas inclusivas, desde a educação infantil até o ensino médio, comumente relatam estão a descoberta de pontos em comum com pessoas que superficialmente parecem e agem de maneira muito diferente; ter orgulho em ajudar alguém a conseguir ganhos importantes, aparentemente impossíveis; ter oportunidade de cuidar de outras pessoas; agir consistentemente baseados em valores importantes, como a promoção da igualdade, a superação da segregação ou a defesa de alguém que é tratado injustamente; desenvolver habilidades cooperativas na resolução dos problemas, na comunicação, na instrução e na prestação de ajuda pessoal; aprender diretamente sobre coisas difíceis, incluindo a superação do medo das diferenças; resolver problemas de relacionamento ocorridos em aula; lidar com comportamento difícil, violento ou auto destruidor; lidar com os efeitos de questões familiares no coleguismo; enfrentar e apoiar um no outro durante enfermidades graves ou morte de alguém de sua própria idade. Compreendendo e respeitando as diferenças e valorizando a convivência, aceitação e cooperação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Relatamos neste artigo apenas uma pequena parcela das dificuldades encontradas para incluir o aluno no sistema de ensino. Está presente os “velhos problemas” que os profissionais da educação e a escola em si se deparam pelo decorrer dos anos. Embora tenha ocorrido uma melhora significativa no que se diz respeito a educação inclusiva, ainda há muitos obstáculos a serem vencidos, seja barreiras de infraestrutura, onde o ambiente escolar esteja preparado para receber pessoas com necessidades especiais, adequando-se para melhor recebê-los.

E de formação e habilidades do pedagogo para melhor lidar com as circunstâncias, desenvolvendo um trabalho adaptado, conforme a necessidade de cada indivíduo, com um novo olhar sobre o

processo de inclusão, colaborando para o crescimento do aluno em suas peculiaridades. Nota-se, que a sociedade, ainda nos dias atuais demonstra um certo receio se tratando de inclusão escolar, muitas vezes por medo do desconhecido e não saber lidar com situações. Entretanto, houve uma evolução muito grande, onde a sociedade se adaptando, se potencializando e as pessoas estão buscando cada vez mais parcerias para o desenvolvimento de estratégias em prol da real inserção de todos, sendo assim, promover uma inclusão de sucesso. Praticar a inclusão é compreender e respeitar as diversidades, valorizando o indivíduo que está sendo inserido, e sobretudo, o ser humano.

REFERÊNCIAS

FERREIRA, Windyz B. Educar na diversidade: práticas educacionais inclusivas na sala de aula regular. In: Ensaio Pedagógico - Educação Inclusiva: **direito à diversidade. Brasília: SEESP/MEC, 2006.**

INCLUSÃO ESCOLAR: Um desafio entre o ideal e o real. Disponível em:
<<https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/pedagogia/inclusao-escolar-um-desafio-entre-o-ideal-e-o-real/2284>>

MANTOAN, M. T. E.; PRIETO, R.G.; ARANTES, V.A. (Org.). Inclusão escolar: pontos e contrapontos. São Paulo: Summus, 2006.

MINETTO, M. de Fátima Joaquim. Dificuldades de Aprendizagem Curitiba: IESDE, 2010.

MINETTO, M. de F. Currículo na educação inclusiva: entendendo esse desafio. Curitiba: Ibpx, 2008.

NOGUEIRA, M. L. de L. Políticas educacionais e a formação de professores para a educação inclusiva no Brasil. Revista Integração, Brasília, v. 24, ano 14, p. 26, 2002.

STAIMBACK S.; STAIMBACK W. Inclusão: Um guia para Educadores. Porto Alegre, Artmed, 1999.